



Cadernos de Tradução

Número 19 - abril / junho - 2006

P
A12
E.2



Contos
de
Melodínia

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

Nº 19 , abril/junho de 2006

Histórias de Melodínia

Paula Dehmel

Organizadora:

Erica Foerthmann Schultz

Instituto de Letras - UFRGS

UFRGS

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretor: Prof. Arcanjo Pedro Briggmann

Vice-Diretora: Profª. Rosalia Neumann Garcia

COMISSÃO EDITORIAL

Profª. Ana Kessler Rocha

Profª. Patrícia Ramos Reuillard

Profª. Rosalia Neumann Garcia

Organizadora deste número:
Erica Foerthmann Schultz

Revisão deste número:
Erica Foerthmann Schultz

Tradução realizada por:
Erica Foerthmann Schultz
Melissa Piccinini Dullius
Rachel Trindade Oliveira

Imagens de capa:
Katia Werkmeister - Boneco de Neve
Lucas Werkmeister - Coelho da Páscoa

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica
do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS
Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303
<http://www.ufrgs.br/iletras>
E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Sumário

Apresentação /5

Histórias de Melódinia:

Por que Melódinia escreve histórias /9

A dança das estrelas /11

O menino-vento /13

Canção do vento /15

Brincar pelado /17

A princesinha do céu /19

A coruja e o quarto de contos de fada /23

Balada da aparição do duende /25

O ninho no pé de zimbro /27

Ser boazinha /29

A capela católica /31

Canção de Maria /33

O homem do lago /35

Balada do rei dos sonhos /37

A menina-lua /39

A canção da lua /41

Papai do Céu e a mentira /43

A bruxa do tempo /45

A panelinha /47

A fada do Natal /49

O boneco de neve /51

O sarampo e a família real /53

O poodle e a velha Margarete /55

O aniversário e o duende da casa do tesouro /57

O espírito da fertilidade e da fecundação /61

A canção de Mariazinha e os pintinhos /63

A flor amarela /65

A aula de geografia e o malvado Hagen /67

Canção do sol e da morte /69

Sobre a guerra /71

Apresentação

Paula Dehmel, a autora de *Histórias de Melódinia* (*Singinens Geschichten*) nasceu em Berlim em 1862 e faleceu na mesma cidade em 1918. Nascida Paula Oppenheimer, era filha de um professor e pregador da Comunidade Judaica Reformada e seu irmão Franz foi renomado economista. Através de Franz, veio a conhecer o também poeta Richard Dehmel, com que teve três filhos: Vera, Liselotte e Heinrich. O casal publicou várias obras dedicadas a crianças, tendo a colaboração se mantido mesmo após a separação.

A leitura de *Histórias de Melódinia* nos revela uma autora sensível e respeitosa do mundo de fantasias da infância, porém preocupada em transmitir uma postura de tolerância e honestidade. Reflete uma Alemanha que já não existe, em que veículos puxados a cavalo ainda eram meios comuns de transporte e empregados domésticos constituíam uma presença habitual nas casas de famílias abastadas. O início da Primeira Guerra Mundial é tematizado no último conto do livro e encerra não apenas a infância da personagem *Melódinia*, como também um período da história do país, prenunciando a sombra ainda maior que se abateria sobre a Alemanha no futuro.

A idéia de traduzir e publicar autores em domínio público surgiu em 2004, quando alunos da disciplina Tradução do Alemão II sugeriram, como exercício de aula, o trabalho com textos de literatura infantil. A experiência gerou o presente número de *Cadernos de Tradução* e pretende ser um embrião de um projeto maior de publicação de autores de literatura infanto-juvenil em domínio público.

Traduzir poesias é, sem dúvida, uma tarefa para especialistas que exige a intervenção de profissionais de larga prática no fazer poético. Todo o empenho das tradutoras em trazer para o leitor brasileiro os

Paula Dehmel

poemas de Paula Dehmel não exclui a necessidade de que venham a ser traduzidos por verdadeiros poetas no futuro.

Quase um século nos afasta da primeira publicação de *Singinens Geschichten* em seu original alemão. Ao longo destes cem anos, mudanças ocorreram na história da Alemanha, nas concepções ocidentais de infância e na literatura dedicada a crianças. No entanto, o vigor poético das encantadoras *Histórias de Melodínia* permanece inalterado e esperam suas tradutoras que venha também a seduzir as crianças e adultos do início do terceiro milênio.

Resta ainda um agradecimento especial a Katia Werkmeister e Lucas Werkmeister, que gentilmente colaboraram com seus desenhos. *Herzlichen Dank, Katia und Lucas!*

Erica Foerthmann Schultz
Organizadora

Histórias de Melodínia

Paula Dehmer

Por que Melódínia escreve histórias

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

Meu nome é Melódínia; não é um nome bonito? Nasci no domingo da Páscoa, ao soar dos sinos; não é uma beleza de aniversário? E tendo um nome e um aniversário tão bonitos, é lógico que conheço um monte de histórias bonitas. Isto é, acho que as histórias são bonitas e adoro inventá-las.

Sei também muitas canções e poemas maravilhosos que não estão em nenhum desses livros de escola. Às vezes Line canta ao trabalhar e a velha Margarete, lá embaixo no vilarejo, conhece uma porção de versinhos legais. Então presto atenção e guardo os versos na cabeça, me divirto muito com isso. De vez em quando, Mamãe e Papai me fazem decorar um verso novo. E, em outros momentos, eu mesma invento alguns.

Não tenho irmãos e por isso tenho de contar os versos e as histórias para o nosso Dorkas; um cachorro peludo e obediente que ouve com atenção enquanto faço carinho nele. Dias atrás, o tio Joaquim apareceu e ficou ouvindo, admirado que nós dois estávamos conversando, sentados na escada.

Melódínia, – intrometeu-se ele –, Melódínia, quer saber de uma coisa? Porque você não escreve suas histórias em um caderno, é um ótimo passatempo. Se ficar bem feito, no Natal elas podem ser publicadas em um livro de verdade, cheio de gravuras. E muitas crianças, que você nem conhece, poderiam ler tuas histórias e canções, não seria maravilhoso?

Adorei a idéia e corri para minha gaveta, peguei um caderno novo e, quando não puder sair para a rua, vou anotar direitinho todas as minhas bonitas histórias. Seria ótimo que as crianças, e não apenas cachorros, ouvissem meus contos; acho que bichos não entendem muito do assunto.

Não gosto muito de contar histórias para gente grande. Elas riem de modo estranho e não acreditam em mim. É preciso acreditar nas histórias, senão fica sem graça.

Vocês não concordam, crianças, por este vasto mundo?

A dança das estrelas

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Imagine só! Eu dancei com as estrelas! Com estrelas amarelas, verdes, vermelhas e azuis! Eram muitas mulheres. Elas tinham se vestido assim, via-se que estavam fantasiadas de estrelas.

Elas estavam usando vestidinhos brilhantes e sapatos dourados. Nas suas cabeças, havia estrelinhas de *glitter*. Era tão lindo! O vestido da mamãe era longo, azul e bordado com uma centena de estrelas prateadas.

A mamãe tinha me tirado da cama para que eu visse tudo isso, e eu podia ir de camisola. As estrelas queriam dançar comigo. Eu ainda não sei dançar direito, só sei pular, mas foi super bom.

Lá havia muitas pessoas divertidas, mas eu não conseguia reconhecê-las. Todas usavam pequenas máscaras pretas. Mas logo reconheci o papai, porque sei como ele se veste. Ele usava um camisolão florido, e sua cabeça era a lua, a verdadeira lua cheia. E dos bolsos da lua, duas luas pequenas olhavam para fora, luazinhas magrinhas e fininhas com carinhas recortadas. Era bem engraçado.

No canto lá atrás, alguém vestido de Ursa Maior fazia truques de magia, e setes estrelas, que a mamãe chamou de Plêiades, dançavam ao redor dele. Certamente, o urso era o tio Joaquim, ele sempre faz coisas engraçadas. E ontem era o seu aniversário. Então, ele convidou todo mundo para uma festa no céu e no espaço, como a mamãe me explicou. Ela era o céu do verão e jogava nas pessoas pequenas estrelas cadentes prateadas e recheadas de chocolate. Eu peguei uma para mim, estava uma delícia!

Estavam lá também Marte, com um capacete, uma lança e um escudo, e Júpiter, com um feixe de raios, além de uma nuvem cinza e uma branca, um vento de tempestade com asas negras e a chuva. Nela, estavam pendurados inúmeros cordões da cabeça até o chão, e ela tinha um jarro d'água, com o qual brincava e respingava água em nós, que ríamos muito. Depois, Ursa Maior diminuiu a iluminação a gás, e as Plêiades cantaram suavemente uma canção belíssima. Parecia como em um conto de fadas.

Quando a canção terminou, precisei voltar para a cama. Foi uma pena. Mesmo assim, depois continuei dançando com as estrelas.

O menino-vento

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Hoje eu andei com o Menino-Vento. Seu cabelo era desgrenhado; suas calças, rasgadas. Ele estava descalço, pegou um carro e perguntou: Você quer ir junto? Óbvio que eu queria. Eu me sentei e daí descemos a estrada a galope. Era tão rápido, que o carro estalava e nós respirávamos ofegantes.

De repente, o Menino-Vento ganhou asas, e então voamos bem alto pelo ar.

– Ei, calma, devagar! – diziam os velhos pinheiros e nos batiam com os seus galhos. – Devagar – diziam-nos novamente, mas andávamos ainda mais rápido e ríamos das árvores bobinhas

No campo, havia espigas e flores campestres. Passamos pelo meio delas. Elas se curvavam e se retorciam, pois nós as machucávamos. Mas o menino mal-criado gritou “Hurra! Adiante!”, e nós continuamos nosso caminho.

Passamos pelo lago, e a água respingava no nosso carro. As rodas estavam completamente dentro d’água, mas nós não tínhamos medo. O Menino-Vento chicoteava as ondas. Elas espumavam de raiva, mas não podiam fazer nada contra nós. Ui, nós passamos no meio da água. Algumas gaivotas gritavam alto. Certamente, elas se alegravam com a presença do menino selvagem. Eu ria, e meu cabelo voava tão selvagem quanto as gaivotas.

Dáí fomos à montanha de areia na margem. Como a areia voava e se espalhava. Os besouros se encolhiam e ficavam bem quietinhos quando o carro chegava. As pétalas das rosas selvagens saltavam dos ramos e dançavam para nós como borboletas. Era maravilhoso! Nós pulávamos de alegria.

– Menino-Vento – eu disse – agora eu preciso ir para casa. Foi muito legal, e eu quero muito andar contigo de novo.

Ele riu, e eu corri dele. Eu voltei para casa para o almoço com a saia rasgada e os cabelos completamente despenteados.

– Que visual é esse, Melodínia? – perguntou a minha mãe. Porém, ela não briga comigo. Nós duas nos amamos muito.

Canção do vento

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Quando o vento corre sobre os prados e campos
Eu corro junto
E penso que posso voar
E animada fico a observar as aves
zuuum, zuuuuummm

Quando o vento sopra forte entre os arbustos e árvores
Eu sopro junto
Passo arrancando montões de flores
E com casca de árvore faço um chapéu pro meu nariz
zuuum, zuuuuummm

Quando o vento passa assobiando entre os vãos da torre
Eu assobio junto
Imitando seu jeito de cantar
Aprendo assim também contrabaixo
zuuum, zuuuuummm

Brincar pelado

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Ontem fiquei muito contente. Fröhlich, o guarda-florestal, veio nos visitar com Erich e Maria. Primeiro tomamos café com *waffeln* quentinhos, depois brincamos de esconder no pátio e de estátua, foi muito legal.

Mais tarde fomos brincar no gramado. Fizemos coroas de florzinhas e correntes de folhas de nogueira e enfeitamos com elas nossos cabelos e roupas. Então eu disse: Sabem de uma coisa? A brincadeira ficaria muito mais bonita se nós ficássemos pelados. Então fomos para trás da casinha das ferramentas, onde ninguém podia nos ver, e tiramos a roupa.

Penduramos os enfeites em volta do pescoço e nos ombros e fomos passear no sol abraçados. Brincávamos de gregos antigos. Erich era o príncipe Páris e devia escolher a mais bonita e entregar a ela uma maçã. Só que ele achou ambas 'a mais bonita' e comeu ele mesmo a maçã. Nós demos muita risada.

De repente a minha mãe chegou. Ela parecia absolutamente chocada e com muita raiva, e disse:

—Vocês não têm vergonha, suas crianças grandes! Vistam-se imediatamente!

A pequena Maria começou a chorar e nós corremos para encontrar as nossas roupas.

Eu fiquei quase braba com a minha mãe. Não era assim tão terrível o que nós tínhamos feito. E, na verdade, eu não fiquei com nem um pouco de vergonha. Só fico quando alguém me elogia muito ou quando faço alguma besteira.

E a mamãe também não me perguntou se eu sinto vergonha quando estou na banheira e ela me ensaboa. Então também eu fico pelada.

A brincadeira foi tão divertida, as folhas de nogueira ficavam tão verdes sobre a nossa pele branca... Só tive um pouquinho de medo de não ser escolhida a mais bonita, é, isso é verdade...

Será que minha mãe estava certa?

A princesinha do céu

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Hoje de manhã, o velho Steffens me perguntou se eu queria colher vagem. Eu adoro fazer isso e disse que sim. Ele me deu um grande cesto com alças, e eu fui para a horta.

O sol brilhava, e tudo estava muito calmo e quieto. As flores brancas no alto dos ramos das ervilhas pareciam borboletinhas e se balançavam para cima e para baixo, como uma gangorra, quando eu as puxava e colhia. Enquanto isso, um mosquitinho cantava. Era belíssimo! Eu sempre colocava as vagens gordinhas no cesto e comia as fininhas. Elas são tão doces quanto marzipam e muito mais frescas.

Meu cesto já estava cheio até a metade quando eu fiquei cansada. Eu precisei arregalar os olhos várias vezes, pois eles se fechavam sozinhos. Então eu me deitei um pouquinho e coloquei o chapéu de palha sobre o meu rosto, porque o sol estava queimando bastante.

De repente, alguma coisa me pica no braço. Eu nem olhei, apenas perguntei:

– Quem é que está aí?

– Eu sou a Princesinha do Céu. – disse alguém ao meu lado – Você quer brincar comigo?

– Não. – respondi – estou cansada demais agora. Você não pode voltar uma outra vez?

– Isso eu não sei. – disse a Princesinha do Céu e riu – Mas se você está tão cansada, eu canto então uma musiquinha para você e daí você pode adormecer.

– Faça isso – disse e pisquei para ela. Ela era um pouco menor do que eu e todinha de prata. Seus cabelos cintilavam como ouro. Ela dançava ao meu redor e cantava:

Eu sou do Céu a Princesinha,
Tenho asas com um perfume azul,
Durmo em camas de nuvenzinhas
E tomo banho de ar e luz.

Eu tenho um balanço de prata

Lá em cima, no salão celestial.
O balançar de suas cordas douradas,
Forma relâmpagos, é sensacional.

O velho gigante do tempo
Joga em mim raios e um trovão.
Eu vou pulando entre as estrelas
E morro de rir do barbudão.

A Mirlamain da Lua
Tece minhas roupas e sapatos,
O meu grande amigo Sol
Me dá fivelas e broches dourados.

O bom Deus gosta muito de mim,
Eu sou sua filha mais bela.
Ele pega no colo a mim
E ao vento da primavera.

À noite, junto com a Mirlamain
E com um sentimento profundo,
Tecemos desejos e sonhos
E os espalhamos por todo o mundo.

– Mas que canção linda! – exclamei – Vou cantá-la amanhã para a Line.
Ela gosta de ouvir esse tipo de canção. Você me deixa andar no seu balanço? Deve ser tão divertido!

– Claro – respondeu-me a Princesinha e riu, de modo que os seus dentes brilhavam – Apenas sente-se nas minhas costas e eu levo você.

Fiz isso e nós fomos para o alto, na direção do sol.

– Feche os olhos, senão eles começarão a doer – avisou-me – Estamos quase chegando – e ela me segurou bem forte com as suas grandes asas azuis. Daí, uma pequena nuvem cinza passou por nós.

– Ei, nuvem, venha aqui! – disse a Princesa. A nuvenzinha realmente veio voando até nós e nós entramos nela engatinhando. Lá dentro era frio e escuro e também fofo como no feno.

– Para o balanço! – ordenou a Princesinha do Céu.

– Às suas ordens! – respondeu a nuvem como se fosse um soldado e nos levou num instante ao grande balanço. Ele estava pendurado em duas enormes estrelas vermelhas no meio do céu. Nós nos sentamos e começamos a andar de balanço. Uau, como as estrelas voavam sobre nós! A lua dava cam-

balhotas ao nosso lado, o cometa fazia piruetas como um pavão. Eu não sabia mais onde era em cima e onde era embaixo. Não, na terra não dá para andar de balanço desse jeito tão maravilhoso. Era realmente um balanço celestial. Eu gritava de felicidade...

– Então menina, é isso que você chama de colher vagens? – me disse de repente o velho Steffens, tirando o chapéu de palha do meu rosto – Dormindo em plena luz do dia!

– Ah, Steffens, eu estava com a Princesinha do Céu no balanço dela. Eu não precisava mais de muito tempo pra colher as vagens, já que eu já tinha o cesto cheio até a metade. Não fica bravo comigo...

– Não, não... Mas agora vá para casa tomar o café da tarde. A sua mãe já chamou você duas vezes.

A coruja e o quarto de contos de fada

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Puhuh! – fez no meio da noite e bateu na minha janela. Eu me levantei e a abri. Lá fora, havia uma grande coruja, e os seus olhos vermelhos cintilavam. Ela segurava o rabo de um ratinho entre as suas garras e encostou-o em mim. Então também virei uma coruja e pude voar junto com ela.

Estava muito escuro, mas eu tinha olhos de coruja e podia enxergar excelentemente bem. Nós voamos pela floresta. O vento soprava, balançando os ramos para cima e para baixo, e se ouvia nitidamente o som dos ramos dançando no ar. Não havia sequer uma estrela no céu. Fiquei apavorada, mas estava animada.

Lá embaixo, o lago estava negro, nem se parecia mais com água. Alguns sapos coaxavam bem alto, fazendo longos ruídos.

Nossas asas zuniam como um grande zangão quando nós descemos. Pousamos sobre uma pedra fria e escorregadiça.

– Vamos caçar ratos aqui – disse a coruja. Ela estava à espreita com seus olhos amarelos, e realmente saiu um rato debaixo da pedra. E eu assisti à coruja, enquanto ela picava e devorava o ratinho.

– Você quer um pedaço? – perguntou-me a coruja. Mas eu não tinha vontade de comer ratinhos assados.

Quando ela finalmente ficou satisfeita, nós pudemos continuar voando. Fomos até lá em cima, no alto da velha torre, onde fica o sino que toca sozinho quando há tempestades ou quando alguém se suicida.

O sino soou baixinho quando nossas asas o tocaram. Embaixo do friso de pedra, havia um monte de morcegos de cabeça para baixo. Nós os caçávamos e eles faziam, então, um grande círculo ao nosso redor, mas em completo silêncio. Não se podia ouvi-los voar.

– Você quer ver o aposento da torre, onde a Bela Adormecida pegou no sono? – perguntou a coruja. E nós voamos ao redor da torre, chegamos numa janela e olhamos para dentro do quarto. Lá realmente estava a velha roca empoeirada, o fuso estava no chão, e havia teias de aranha por toda a parte. Mas não havia nenhuma fada velha e feia lá. Certamente, faz tempo que ela já morreu, assim como a Bela Adormecida e o Príncipe Encantado.

– Você conhece mais quartos de contos de fada? – perguntei à coruja.

– Claro, você quer ver o aposento da torre do Barba Azul? Com todas as

cabeças decapitadas? – disse-me a coruja com seus olhos amarelos brilhando.

Fiquei com muito medo e gritei: Não, é melhor não. Então, a coruja riu, sua risada era apavorante. Fiquei com mais medo ainda. Acordei, sentei de camisola no parapeito da janela e espirrei bastante.

Voltei para a cama, puxei o cobertor e me escondi debaixo dele, tapando até a cabeça, mas, por muito tempo, não consegui dormir. A coruja continuava arregalando os olhos para mim.

Balada da aparição do duende

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

O agricultor dorme no campo de milho;
Quem levará o feno para casa?
Sobre um arbusto, olha a lua vermelha;
O agricultor dorme e não acorda.

Quem levará o feno para casa?
De seu esconderijo, espia o ratinho,
De sua toca, sai a raposa devagarzinho,
O agricultor sonha e não acorda.

A lua clara bem no alto chega,
A marta anda por folhas pálidas e secas,
Vãos rasantes dão corujas cinzas e pretas;
O agricultor geme, mas não acorda.

Quem corre e junta tudo num montinho??
Quem desatreia os cavalos cansadinhos?
Os cavalos sabem o caminho para casa;
O agricultor dorme no campo de milho.

Quem dá uma risada aguda no carro?
Aonde vão as rodas sem o carro arrancar?
Quem as pára na horta, na cerca?
Quem levou o feno para casa?

Ele vem confuso ao amanhecer:
Oh, mulher, meu feno! Oh, mulher, meu sonho!
A mulher, rindo, o leva até a cerca,
A cabra puxa a erva da carroça.

Não durma de novo, nem seja preguiçoso.
Quando a lua cheia aparece no alto da montanha,
Os duendes levam o teu feno para casa.
Agora vá e lhes dê toucinho e ervas.

O ninho no pé de zimbro

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Domingo pelo meio-dia eu vi o Duende do Zimbro. Ouvi um barulhinho atrás dos arbustos de zimbro e, pelo que eu pude ver, era ele mesmo. Ele era como um menininho pequeno, só que em vez de mãos, tinha garras de pássaro e um bico de papagaio.

Ele era muito engraçado. Eu ri e me diverti de verdade.

O que você faz aí?, perguntei.

Estou colhendo os frutinhas do zimbro para fabricar genebra, – disse o pequenino. É muito gostoso, quer experimentar? – Então ele tirou uma garrafinha de seu avental e me entregou. Eu provei e era mesmo muito gostoso. Só que de repente eu tive vontade de espirrar e fechei os olhos, porque estava me sentindo um pouco estranha.

Quando eu tornei a abrir os olhos, o duende tinha ido embora. No chão estava sentado um sapo verde-claro que, com a mão direita, tocava uma gaita de boca e, com a esquerda, batia na barriguinha, acompanhando. Ao seu lado descansava um caracol marrom que, com as anteninhas para fora, escutava com atenção.

Para onde é que foi o Duende do Zimbro?, eu me perguntava. Vocês tinham que ter visto. O sapo me olhava com cara de bobo, fez de repente um *quá* e continuou tocando. O caracol, porém ficou com medo e se arrastou para dentro da sua casinha.

Foi então que ouvi uma risadinha vinda lá do outro lado, onde havia um outro arbusto de zimbro. Fui até lá e encontrei o duende sentado bem no topo do arbusto, balançando as perninhas. Ei, – eu disse, fugir não vale. Será que nós não podíamos brincar juntos?

Ele deu um pulo e foi cair bem no meu braço. Eu dei um grito e ele quase morreu de rir. É claro que eu tinha me assustado um pouco, mas depois eu já estava rindo também. – Olha só, – ele disse, – eu quero mostrar a minha casa para você –. Com cuidado ele abriu espaço separando os galhos. Então vi um ninho bem grande, com três crianças duendes do zimbro bem pequeninhas. Elas também tinham garras de pássaro e bicos amarelos de papagaio. A mãe duende os alimentava com lesminhas e frutinhas do arbusto de zimbro. Eles eram a coisa mais querida! Tive vontade de pegá-los e de levar para mim um dos pequeninhos, mas o duende saltou do meu

braço e sumiu entre os arbustos, fechando o caminho atrás de si com os galhos, e eu não pude ver mais nada dele nem da sua família engraçadinha.

Depois eu quis procurar o ninho, mas o arbusto espetou a minha mão, e doeu. Decerto ele não queria me machucar, só não queria que eu perturbasse o povinho que morava ali. Então cheguei perto e fiquei escutando, quieta, os cochichos e risadinhas que vinham ali de dentro.

Ser boazinha

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Agora, já acabamos os dez mandamentos na aula de religião, e o papai já me explicou tudo. Por último, ele disse:

– Seja sempre bem boazinha e tenha sempre boa-vontade para ajudar as pessoas. Deus se alegra com isso e tudo o que estiver em suas preces, virá por si só.

E agora eu decidi que pretendo ser sempre boazinha e quis começar logo. Mas eu não devo ter entendido tudo direito, porque aconteceu sempre o contrário. Primeiro, eu quis ajudar o velho Steffens. Para ele, já é bastante difícil empurrar a pipa d'água pela horta. Mas ele riu de mim e disse:

– É melhor você ir jogar bola de gude. Carregar água não é trabalho pra uma mocinha como você.

Daí, eu fui até a Line e lhe perguntei se eu poderia ajudá-la. Mas, eu não sei por quê, ela foi rabugenta e disse:

– Vá arrumar as suas bonecas! Lá em cima está uma bagunça.

Mas eu queria tanto ser boazinha e fui até a estrada. Talvez aparecesse alguém, que eu pudesse ajudar. Eu me sentei embaixo de uma árvore e fiquei esperando. Alguns carros com feno e um com barris de leite passaram, mas esses eu não podia ajudar. Daí, por um bom tempo, ninguém apareceu. Eu bocejava e cochilava bastante, pois estava calor e eu estava entediada.

Então vi um besouro que estava de barriga para cima. Esperneava muito e não conseguia ficar de pé. Eu o virei com cuidado e me alegrei, pois ele pôde sair andando bem ligeiro. Agora eu já tinha sido um pouco boazinha, mas eu queria ser muito mais.

Finalmente, apareceu uma senhora de idade com um grande cesto. Dentro dele, havia vários pacotes, e ela carregava ainda um pão. Fui logo até ela e lhe disse:

– Posso carregar o pão ou o cesto, senhora? Certamente, isso tudo é muito pesado para uma velhinha como a senhora.

Mas ela começou a me xingar bem alto:

– Quem é velha aqui, sua pirralha ranhenta? O que você quer perambulando pela estrada só para assaltar as pessoas?

E ela foi andando e continuou me xingando. Eu fiquei super assustada. Comecei a chorar e fui correndo para casa. Mas não contei nada para o papai. Eu me senti tão envergonhada! O que Deus vai pensar de mim? Comecei a ser boazinha, mas fiz tudo errado!

Fui em silêncio lá pra cima e arrumei as minhas bonecas. Quando tudo estava bonitinho e arrumadinho, a Line veio e fez as camas.

– Viu? Que legal que você arrumou tudo bem direitinho. – disse a Line. E ela não parecia mais nem um pouco rabugenta.

A capela católica

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

Ontem estive sozinha na capela católica. A porta estava só encostada, então fui entrando. Estava tão quieto lá dentro que ouvia minha própria respiração. Os raios de sol entre os vitrais coloridos eram lindos, havia um cheiro de poeira e flores murchas, mas era bom estar lá sem ninguém.

Havia um quadro da Mãe de Deus com o menino Jesus. E uma lampadazinha vermelha na frente e muitos castiçais com velas brancas, mas elas não estavam acesas.

Sentei nos degraus em frente do altar e esperei. Sentia um pouquinho de medo e olhava receosa ao meu redor; achava que o bom Deus católico estivesse zangado comigo, que sou protestante, e fosse me expulsar dali. Fiquei ali sentada, esperando por um bom tempo, mas nada aconteceu.

Era tão calmo que podia ouvir as moscas zumbindo. Ao olhar para cima, vi uma andorinha voando pelo teto. Pensei: com certeza é uma andorinha santa que tem licença de Deus para ficar voando por ali – e de repente fiquei contente e não me sentia mais sozinha. Então a andorinha veio voando em minha direção, só que não era mais uma andorinha, mas o Menino Jesus numa túnica azul. Ele me olhou de um jeito simpático e perguntou: quer brincar comigo? Acabo de vir do céu, espia aqui, trouxe umas estrelas. E tirou um punhado de estrelas do bolso. Quando quis pegar, as estrelas saíram voando por toda a igreja, para o alto, cada vez mais alto e não podia mais alcançá-las.

Você ainda é criança, perguntei. Você foi adulto e já morreu faz bastante tempo?

O menino sorriu e disse: Para as crianças, sou uma criança; para os grandes, sou um mestre; e para Deus, sou Deus.

Ao dizer isto, as estrelas voltaram em vôo até ele, que as apanhou e colocou no bolso.

Você é muito bom e sábio, disse eu; mas que tal brincar com as estrelas? Então o Menino Jesus levantou a mão e surgiu uma luz azul em nosso redor e um órgão soava baixinho – e depois mais alto – e depois mais baixo, depois mais alto, alto e baixo, alto e baixo, era lindíssimo.

E todas as velas brancas se acenderam sozinhas e a imagem da Virgem Maria resplandecia como se ela estivesse viva.

Depois que findou a linda melodia, cruzei as mãos e disse amém. Então o Menino Jesus beijou minha testa, foi uma sensação muito doce e fechei os olhos. Ao abri-los, ele era novamente uma andorinha e pude ver quando ela voou em direção ao céu azul através de uma fresta na parede.

Fui lentamente para casa, estava tão feliz. Gostaria de contar para as árvores do caminho que foi tão divino na igreja e que ela era católica.

Canção de Maria

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Maria afaga seu filhinho
Beija sua boquinha vermelha
Ela não sabia
Que em algum momento em Gólgota
Uma cruz seria erguida para ele

O vento com cheiro de flores
Balança os cabelinhos da criança
Ele não sabia
Que em algum momento em Gólgota
Sangue inocente seria derramado

O seu cordeirinho vem saltitando
Brinca em volta do adorado menino
De longe ele não via
Que em Gólgota
Nosso Senhor era humilhado

Inquietos corações de mãe
Devem sofrer em silêncio
Pois vocês não sabem
Quando serão erguidas
As cruzes dos seus filhos amados

O homem do lago

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Ontem meus pais e o Tio Joaquim foram para a cidade e Line e eu ficamos sozinhas em casa.

Eu sei que não devo andar de barco quando não tem nenhum adulto por perto, mas fazia calor e eu queria muito.

Dorkas ainda estava preso, apesar de já estar escuro. Eu o soltei e atravessei com ele o jardim, sem fazer barulho, para que Line não percebesse. Dorkas entendeu e foi bem obediente.

Nós fomos pelo caminho até o lago. A água estava calma, como se dormisse. As árvores nem se mexiam.

Falei baixinho com Dorkas e, calados, nós dois subimos no barco. Fiquei com medo na hora em que soltei as amarras e pus os remos n'água. Mas era tão lindo ver como as ondas escuras ficavam prateadas.

Então surgiu a lua, enorme e vermelha, atrás das árvores e começou a nos olhar zangada. De repente me lembrei do Homem do Lago, que foi enfeitiçado e está preso aqui, há muito, muito tempo, há centenas de anos, porque desafiou o poder de Deus. Line tinha me contado essa história há pouco tempo e agora eu pensava nela novamente.

Line contou que o Homem do Lago, por ter pecado, devia permanecer no lodaçal, no fundo do lago, até que uma moça bela e jovem o beijasse de livre e espontânea vontade. Na lua cheia antes da Páscoa, ele pode colocar sua cabeça horrível para fora da água. No fundo do lago, ele tinha muito ouro e pérolas, e a moça que o beijasse ganharia tudo isso. Mas nenhuma moça queria beijá-lo. Ele era horroroso com aquela cara de sapo e por muitos anos ficou lá, sem que ninguém o libertasse.

Uma vez, porém, apareceu uma moça do povoado. Ela tinha um noivo, mas ele era tão pobre quanto ela e por isso eles não podiam se casar. Ela decidiu fazer uma surpresa para o seu Hans, conseguindo o ouro e as pérolas do Homem do Lago, então remou até ele naquela noite de lua cheia da Páscoa.

Logo ela avistou a cabeça do amaldiçoado, que espiava para fora d'água. De dentro do barco, ela se inclinou para perto dele, fechou bem os olhos e beijou sua enorme e horrorosa boca. Então sentiu um choque gelado atravessar seu coração, e quase não viu, quando o Homem do Lago, transfor-

mado em um grande pássaro, voou para longe e atirou as pérolas e o ouro na sua canoa.

Pela manhã ela voltou para o povoado com o seu tesouro. Mas as pessoas que ela ia encontrando, horrorizavam-se e não a reconheciam mais, porque sua boca tinha se transformado em uma enorme boca de sapo.

Seu noivo foi para a América em um navio, e ela nunca mais o viu.

Ela mandou construir uma enorme casa de pedra e lá viveu com dois gatos cinzentos até a sua morte. As ruínas ainda estão lá, perto da encosta das bétulas. Ela não saía nunca, porque tinha vergonha das pessoas. Somente nas noites de lua cheia da Páscoa, ela andava em torno do lago, choramingando, lamentando a beleza e a felicidade perdidas. E assim deve ser até hoje...

Eu estava pensando nessa história triste, quando de repente pensei ter visto a cara de sapo do Homem do Lago e morri de medo. Agarrei-me no pescoço de Dorkas e escondi meu rosto no seu pêlo macio, então remei de volta até a margem. Fomos direto para casa e eu me sentei e fiquei quieta, lendo.

Depois quando fui dar boa-noite para a mamãe, eu disse no ouvido dela que eu tinha ido remar sozinha no lago, mas que não iria fazer isso nunca mais.

Mas sobre o Homem do Lago eu não disse nada.

Balada do rei dos sonhos

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

O Rei dos Sonhos anda em uma terra sem cores;
Ao seu redor, meio escondidas,
O cumprimentam as noturnas flores,
Marleninha vai junto de mãos dadas,
Marleninha, a jovem Marleninha.

O Rei dos Sonhos vai até um pé de alecrim;
Lá ardem as velas da vida,
Elas queimam com corações vermelhinhos;
Marleninha sente o seu sopro quentinho,
Marleninha, a jovem Marleninha.

O Rei dos sonhos anda ao longo do lago,
E os elfos da água cantam ao seu lado
Uma canção sobre coisas geladas e frias;
Marleninha com muito medo fica,
Marleninha, a jovem Marleninha.

O Rei dos Sonhos anda devagarinho
Em ondas de grande leveza,
Que, na lua, se refletem prateadinhas;
Marleninha vai junto na profundidade,
Marleninha, a jovem Marleninha.

A menina-lua

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Finalmente vi a Menina-Lua. Eu já estava na cama quando a Lua cheia veio. Mas eu me vesti rapidinho e fui até a grande pedra. Lá fora estava claro e muito quieto, e os caminhos eram brancos como o leite. Algo muito delicado e brilhante estava sentado sobre a pedra. Certamente, era a Menina-Lua.

Mas ela não estava tocando flauta como o velho Steffens havia me contado. Ela estava fiando. Vi como ela girava a sua roca e tirava dela fios brancos. Seu vestido era como muitos véus e flutuava silenciosamente ao seu redor.

Cada vez saíam mais fios de suas mãos brancas, cada vez mais. Todos os arbustos e árvores já estavam cheios deles. No campo havia vários e muitos estavam no ar. Ah, também havia fios presos no meu vestido, e eles cintilavam. E a Menina-Lua era tão branca, tão terrivelmente branca... De repente, senti um frio e uma sensação horripilante. Daí eu me virei e corri e corri e corri...

Quando cheguei em casa, fechei bem as cortinas. Não queria ver a lua, nem a menina branca, quieta, branca...

A canção da lua

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

Sopra, sopra o ventinho,
A lua não está na rua.
Estará atrás do morro, contente,
Apanhando uma estrela cadente?
Sopra, sopra o ventinho.

Brilha, brilha a estrelinha,
A lua, tão pequeninha,
Maneja sua foice com cuidado,
Capinando no céu estrelado.
Brilha, brilha a estrelinha.

Canta, canta o passarinho,
A lua, cheia de graça,
Encanta quem, ao léu,
Seu rosto vê, sob meio véu.
Canta, canta o passarinho.

E a lua alumia, alumia,
Tão forte que parece dia,
Seus raios de prata, a brilhar,
Clareiam os campos e o mar.
E a lua alumia, alumia.

Papai do Céu e a mentira

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Acho que vi Deus hoje. O papai diz que Deus é um espírito e se pode apenas senti-lo, mas eu acho mesmo que eu o vi hoje.

Ele estava sentado em uma nuvem muito vermelha, bem acima de uma florestinha. Ao seu redor, voava uma série de nuvenzinhas rosas. Todas elas pareciam pequenos anjinhos. Deus tinha uma barba que chamejava como fogo, e as suas vestes também flamejavam.

Ele me olhou severamente, e eu fiquei com medo, pois ontem eu havia mentido de novo. Ele me ameaçou com a sua espada de fogo – assim como o arcanjo Miguel fez na nossa bíblia com os castelos de ametista – e a espada trovejou no céu, como se fosse mesmo um trovão de verdade.

Eu juntei depressa as minhas mãos e disse:

– Pai nosso, que estás no céu.

Então o meu querido Deus acenou com a cabeça para mim e com a sua linda barba de fogo e foi cavalgando na nuvem vermelha quase até o sol. As nuvenzinhas à sua volta se tornaram cada vez mais e mais vermelhas, e os anjinhos cavalgavam nelas como sobre cavaleiros de pau e riam para mim.

De repente, Deus estava no meio do sol, mas sem a espada horrível. Seu rosto estava tão lindo e amável, assim como a mamãe quando fica boazinha de novo. Então, certamente, ele estava bonzinho de novo comigo.

Grandes raios começaram a sair de Deus e eles atingiam o mundo inteiro. Daí, juntei as mãos de novamente e disse:

– Santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino.

E os anjinhos nas nuvens começaram a cantar baixinho aleluia, e eu cantei junto em silêncio. Eu me senti muito feliz e agora não quero mais mentir.

A bruxa do tempo

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Ruuuu, a Bruxa do Tempo! Acabo de encontrá-la. Ela estava sentada sob a grande árvore, lá embaixo, à beira do lago. Seus cabelos vermelhos voavam em torno de seu corpo magro e sua roupa cinza toda em farrapos esvoaçava. Ela balançava como louca a velha árvore que gemia como o velho Steffens quando carrega a lenha. Uma coruja com os olhos arregalados estava sentada sobre a sua cabeça

Eu saí correndo de lá e ainda pude ouvir como ela uivava: ru ruh. O lago estava grosso e preguiçoso. Nenhum pássaro, nenhuma borboleta voava, apenas um sapo estava sentado no caminho e me olhava com cara estúpida. As lindas campânulas azuis que eu havia colhido estavam cinza-pardas, e no céu não se podia ver nada.

Andei pela lama escorregadia e fui ao quatinho de banho. As gotas de chuva rolavam pela vidraça vermelha, e também elas pareciam vermelhas.

Ruuu, então a Bruxa do tempo voltou, voando rápido como um raio. Com seus enormes tamancos de madeira ela escalou o telhado e com seu alicate reluzente cruzou o céu. Todas as árvores gritaram de pavor, foi um barulho horrível.

Melodínia, Melodínia, chamou então o papai. E foi bom ele ter vindo, pois eu já estava começando a ficar com medo.

A panelinha

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Ganhei da minha vó uma panelinha com duas alças, da qual eu gosto muito. Deve parecer bobo uma menina grande, de 11 anos, dizer isso, mas eu realmente adoro a minha panelinha.

Há um homem e uma mulher pintados nela. Eles se dão as mãos e dançam. E quando eu estou sozinha e o sol já se pôs, os dois descem da panelinha e dançam na cômoda brilhante. O mocinho assobia, e a mocinha canta. Ai, como a saia dela voa, e como as suas mãos e pés rodam!

Às vezes, os dois balançam a cabeça juntos; às vezes, também se beijam. Quando eles se beijam, os narcisos pulam de cima da borda da panela, fazem uma fina reverência e dançam ao redor do mocinho e da mocinha. O passarinho que fica na alça da panelinha começa a cantar, e por último, a panelinha vazia também dança junto e gira tremendo sobre a cômoda.

De repente... Vup! Eles são de novo meramente pintados. Os narcisos e o passarinho também. Mas os dançarinos não gostam quando isso acontece.

Eu bem sei que sonho tudo isso, mas é tão lindo assim! E eu adoro a minha velha panelinha!

A fada do Natal

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Eu venho de um brilhante lugar
Onde cresce e floresce uma árvore
Em torno da qual nós gostamos de ficar,
com vestes brilhantes e asas cintilantes.

A árvore é verde, de um verde sem fim
E para a sua altura qualquer medida é pouca
Seus galhos são como muitas mãos
Cada uma estendida sobre as outras.

Na árvore estão milhares de velas
Cada uma bem igual à outra;
Suas chamas são como coraçõezinhos
A brilhar claros, quentes e fofinhos.

Enfeitada de ouro até o topo
Sua idade já não se pode contar
Suas raízes são como relâmpagos
Que penetram até no mais duro chão.

Venha, venha! Mil frutas estão à espera,
O pomo de ouro é fácil de colher,
Pois o jardim se abre para todos aqueles,
Que sabem como chegar até essa árvore.

Venha vê-la brilhar! Mais uma vez ela cumpre
Aquilo que as Escrituras nos prometem:
Uma vez, para que o homem se alegrasse,
Deus plantou uma árvore no paraíso.

Essa poesia eu recitei na noite de Natal. Ela foi feita pelo poeta Richard Dehmel. Ele tem muitas outras poesias bonitas como essa.

Mamãe colocou em mim um vestido branco e longo e prendeu em mim um cinto prateado. Na minha cabeça pôs um fino véu com uma coroa de flores que nós duas, eu e Line, fizemos com lantejoulas e papel laminado. Tio Joaquim também me trouxe de Berlim um par de asinhas brancas e agora eu estava igualzinha a uma verdadeira fada do Natal.

Quando a árvore estava acesa, eu pude recitar o poema. Quando terminei, papai me deu um beijo e disse: foi bem bonito, Melódinia. Já a Line e o velho Steffens estavam bem atentos e me olhavam tão felizes como se eu fosse o próprio Menino Jesus.

No meio da noite, quando tudo dormia, eu coloquei as minhas asas outra vez e voei para o céu. Então eu pude ver como os anjinhos limpam bem as estrelas e as penduram, muitas delas, na grande árvore de Natal que fica no meio do céu. E vi a Virgem Maria, que estava com o menino Jesus nos braços, colocando ramos verdes de pinheiro em círculo sobre uma longa mesa. Eles brilhavam como pedras preciosas. E todos os anjos cantavam músicas lindas, mas eu não conseguia entender, decerto porque eram cantadas na língua do céu.

Os anjinhos menores brincavam com bolas douradas. De vez em quando, uma escapava e rolava entre as nuvens. Então disseram: quando ela cai na Terra, vira uma estrela-cadente, mas as pessoas não podem pegá-la, pois essas bolas são feitas dos raios do sol e se desmancham no ar.

O bom Deus me pegou no colo e parecia tão bem e tão contente como há pouco meu pai estava quando disse: foi bem bonito, Melódinia. Ele me deu um beijo e disse: Que te tornes tão boazinha e delicada como a fada do Natal. É que ele e os anjinhos, de lá longe no céu, tinham ouvido a poesia, e isso acontece sempre que algo vem de dentro do coração, foi isso que o bondoso Deus me disse.

Depois disso um anjo me pegou pelo braço e me trouxe um-dois-três de volta para a minha cama. E então eu sonhei ainda com verdadeiras maravilhas do céu e das legiões celestes.

O boneco de neve

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

No segundo dia após a noite de Natal, o Erich e a Marie estavam de novo lá em casa. Nós comemos nozes e biscoitos de Natal e também brincamos com meu novo fenacistoscópio¹. Quando alguém gira a roda, as figuras lá dentro ficam vivas – um palhaço dá uma cambalhota, um poodle pula por dentro de um pneu, um menino escala uma montanha e desce de novo. E dá para ver ainda muito mais dentro da roda. É um brinquedo muito divertido.

Depois, nós fizemos um boneco de neve. Primeiro, duas pernas gordas e uma barriga enorme. Daí, o pescoço e os braços. Por último, a cabeça. O papai nos deu um colarinho velho e uma gravata para nós enfeitarmos o nosso boneco de neve. O velho Steffens buscou um chapéu preto e um cachimbo que nós também colocamos no boneco de neve. Fizemos os olhos de carvão; a boca e o nariz, de cenoura. O cara ficou sensacional! Nós o chamamos de Peter Branco e dançamos ao seu redor. Por último, o Erich fez ainda uma peruca e uma barba de papel preto. Daí ele ficou parecendo mesmo uma pessoa de verdade.

Logo depois do café, o papai arrumou o trenó, e nós levamos os Fröhlichs para casa. Ai, ia muito rápido, muito mais rápido do que no carro. E a floresta branca brilhava, o sol estava se pondo e parecia uma bola vermelha no céu. Por um momento, ficamos quietos de alegria. Podíamos ouvir os sininhos do trenó tocando. Quando chegamos em casa, já estava escuro. Comi um pão rapidinho e fui para a cama.

Eu mal tinha adormecido quando ouvi alguém assobiando lá embaixo. “Mas o que é isso?” – pensei e pulei imediatamente da cama. Lá fora, a lua brilhava no céu, e eu vi claramente o Peter Branco lá embaixo, no pátio, andando de um lado para o outro. Abri a janela e disse:

– Dá para ficar quieto, menino! Bonecos de neve não ficam passeando por aí!

¹ Este brinquedo de nome esquisito é um projetor de imagens animadas, precursor dos projetores de cinema de hoje em dia. Consistia em um disco com figuras desenhadas, quando o disco girava, parecia que as imagens se movimentavam. Foi inventado pelo belga Joseph-Antoine Plateau em 1832 (N. T.).

Ah! – disse ele – mas eu também posso esticar as pernas de vez em quando, né? Elas estão congelando. A propósito, eu bem que podia andar de trenó, faz um tempão que não faço isso...

Então ele pegou o trenó no celeiro e me convidou:

– Quer vir junto?

Óbvio que eu queria. Eu me enrolei numa pele bem grande do meu pai e desci. Lá estava sentado o Boneco de neve e quatro grandes *poodles* brancos estavam bem animados à frente do trenó. Subi no trenó e partimos. Ai, como voávamos! Eu mal podia enxergar ao meu redor, de tão rápido que íamos.

– Onde estamos indo, Peter? – perguntei-lhe.

– No jardim branco. – respondeu-me, e logo chegamos lá.

No meio da floresta, centenas de flores brancas desabrochavam, grandes e pequenas. Suas folhas eram brancas, a grama era branca, todos os besouros e borboletas também eram brancos. Até mesmo a lua que estava lá no alto no céu, também estava muito branca. Na verdade, foi um pouco assustador quando descemos do trenó e fomos para o jardim branco. Eu disse:

– Peter, vamos para casa, aqui está branco demais, quieto demais... e eu estou congelando.

Mas os *poodles* brancos tinham ido embora com o trenó. O Boneco de neve pegou o meu braço. Daí, ele foi ficando cada vez maior e mais alto. Parecia uma montanha, e eu cresci junto com ele quase até o céu. Então chegou o navio de ar. Entramos depressa na gôndola e fomos para casa como o vento. Uau, ia mais rápido do que o trenó! Mas o Peter Branco ficou tão gordo no navio de ar, que eu não tinha mais espaço e, de repente, caí – eu caí – e bum! Eu estava deitada na minha caminha fofinha e me acordei.

Completamente pasma, olhei ao meu redor. Era uma noite de luar... Eu tinha sonhado tudo isso de novo?

O sarampo e a família real

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Na semana passada, peguei sarampo, mas não estou sentindo dores. Só muita sede o tempo todo. Fiquei de cama e não precisei estudar nada. A tia Kátia veio de Berlim e me trouxe um lindo álbum de recortes, com as pinturas de um rei e uma rainha, um príncipe e uma princesinha. Eu recortei tudo com a tesoura de bordado da minha mãe e me diverti muito.

O rei tinha um uniforme todo bordado, com muito ouro, e a rainha, um vestido chique e decotado com uma cauda longa, que era carregada por uma dama da corte. Havia um cavalo branco para o príncipe. Ele usava um manto vermelho e tinha franjas douradas na crina. Para a princesa, havia uma pequena carruagem branca, laqueada, puxada por um burrinho.

Era tudo muito delicado e tia Kátia me ajudou a recortar as partes mais difíceis, como a coroa do rei e o leque da rainha. Ela também me ensinou a espetar as figuras nos suportesinhos de madeira, para que parassem em pé.

Também havia uma governanta e um laçao nesse álbum e os meus dedos ficaram bem doloridos de recortar tantas coisas, mas não importa, porque eu me diverti muito com os bonecos recortados. O Tio Joaquim disse que uma família real assim só existia mesmo nos contos-de-fada, mas foi por isso mesmo que eu adorei os bonecos. Brinquei todos os dias com eles. O príncipe se chama Edgar e a princesa Silfe, o laçao, Jean e a governanta, Miss Piepenbrinck.

O rei e a rainha ficavam sentados sobre o meu travesseiro, que era o trono, e governavam o seu país, e Miss Piepenbrinck dava aulas para as crianças. Quando eles não tinham aprendido nada, o que às vezes acontecia, ela dava um toquezinho nos dedos deles com a régua. Pior do que isso não podia ser a punição para um príncipe e uma princesinha. Depois eles podiam passear no enorme campo atrás do castelo, e também cavalgar, e tinham que cumprimentar todas as pessoas que encontravam, porque assim é que fazem as pessoas chiques.

Agora já estou boa do sarampo, já estou de pé e vestida. Mas do quarto eu ainda não posso sair, só no próximo domingo, foi o que o médico disse.

O *poodle* e a velha Margarete

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

O *poodle* esteve aqui de novo durante a noite, o grande *poodle* preto com os olhos vermelhos. Ele se sentou no meu cobertor e ficou me olhando. Eu não tinha coragem de abrir os olhos e queria rezar, mas não consegui nem começar, de tanto medo que tinha.

Então aquele *poodle* horrível colocou as patas sobre o meu peito e eu gritei muito alto. A mamãe ouviu e acendeu a luz. Daí o *poodle* foi logo embora e a mamãe me levou para a cama dela, me beijou e disse que devia ter sido só um pesadelo. Mas eu conheço o *poodle*. Ele já esteve aqui várias vezes e ficou me encarando.

Hoje à noite, quero ir à casa da velha Margarete e lhe levar pão e maçãs. Ela sabe vários feitiços e remédios caseiros e deve me dizer como faço para espantar o cachorro malvado. A mamãe e o papai não acreditam nisso, dizem que eu tenho pesadelos e, por isso, não devo comer maçãs à noite.

Com a velha Margarete, é tudo bem secreto. Ela sempre tem fios para enrolar, e eu preciso segurá-los para ela, enquanto ela me conta alguma coisa. Ela sabe muitas histórias bonitas: a do duende Fixfax, da Princesinha do Céu, da Pomba Turtli, da Menina-Lua Mirlamain e muitas outras. Willibaldo, o seu gato preto, fica sentado no encosto do sofá com os seus olhos verdes. O relógio de madeira grande e colorido faz tic-tac, tic-tac.

Às vezes, eu posso mexer no baú entalhado em madeira e pegar o vestido verde florido de seda que foi vestido de noiva da velha Margarete. Posso abrir todas as caixinhas de madeira com rosas pintadas, posso desembrolhar todas as pulseiras, rendas e colares de pérolas e me enfeitar com eles. Daí, eu brinco de princesa ou de fada, e a velha Margarete faz o papel da filha do pastor de ovelhas ou da Gänseliesel – a moça que cuidava dos gansos e casou com o filho do conde – e pode fazer um desejo. Então eu levanto a minha varinha mágica e concedo o seu desejo, fazendo o objeto desejado aparecer em algum lugar. É uma brincadeira linda e sempre dá para inventar algo novo. No final, eu arrumo tudo de novo bem direitinho e fecho o baú com a grande chave dentada.

Mas sabe, eu prefiro que ela não me dê uma fórmula mágica para o *poodle*. O papai diz que eu mesma preciso me resolver com o cachorro mau. Daí, ele vai embora sozinho e não volta nunca mais.

O aniversário e o duende da casa do tesouro

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Ontem foi o meu aniversário! Onze velinhas vermelhas foram acesas em torno de uma branca, maior que as outras. Foi uma grande festa. Line fez um bolo lindo, com recheio de camadas de chocolate, que é a parte que eu mais gosto de comer. Também ganhei um vestidinho listrado verde e branco e dois livros: Contos de Hauff e Histórias Ilustradas de Grube.

Depois do lanche da tarde eu pude ler um pouco. A história 'O Coração Frio', sobre Peter e o Duende da Casa do Tesouro é muito bonita. E como eu também sou uma criança de domingo, eu e o duende ficamos amigos na mesma hora e ele me levou com ele para a sua floresta de pinheiros. Lá era tudo muito tranqüilo. Os pinheiros escuros e enormes murmuravam baixinho. É que eles têm uma língua própria, mas nós não a entendemos. No chão crescia um tapete de avencas, que era quase tão alto quanto eu e o homenzinho.

Ele usava uma túnica marrom e sandálias e me pegou pela mão e me levou por um caminho estreito. Um enorme besouro-de-chifre veio ao nosso encontro, mancando muito, porque estava com uma patinha quebrada. O duende sacou uma pomada do seu bolso e a usou para massagear o machucado do bichinho, que então voltou a andar perfeitamente. Foi muito legal.

Tá cansada, Melódinia?, perguntou o pequenino. Sim, um pouco, eu disse. Daí ele assobiou com os dedos, como fazem os meninos do nosso vilarejo. Num instante chegou um cervo branco com um lindo manto vermelho, todo adornado com guizos prateados. Na verdade ele pertencia à Rainha dos Elfos, foi o que o duende me disse. Disse também que ela era sua amiga, e que ela às vezes lhe emprestava o Pé-de-Vento quando ele recebia a visita de alguma criança de domingo. Então ele me ajudou e eu montei no cervo.

Uau, foi um passeio e tanto! Ele tinha uma corrente dourada enrolada nos chifres, na qual eu podia me segurar, e os guizos tocavam uma música delicada. Morro acima, morro abaixo nós íamos e andamos um bom pedaço pela floresta.

O duende carregava uma sacolinha nas costas, com todo o tipo de coisas dentro, para agradar aos bichos. Coelhos selvagens, doninhas, martas e

esquilos, todos vinham tranqüilamente até perto de nós para ganhar uma guloseima ou receber os cuidados do bondoso homenzinho.

Agora era a hora de tomarmos café da manhã, ele disse. Então *voltei para o chão* e me sentei ao lado do duende sobre a raiz de uma árvore, longa e plana como um banco. Pé-de-Vento balançou os seus guizos e correu para a floresta, de volta para a sua Rainha.

O duende tornou a assobiar, mas dessa vez num som mais baixo e agudo. Logo avistei muitas criancinhas-flor que chegavam cruzando o campo: campânulas azuis, anêmonas, carvalinhas e ervilhas-de-cheiro. Elas traziam nas mãos cestos cheios de frutinhas silvestres, bem docinhas, o que dava para ver pela cor e pelo cheiro que tinham. As crianças-flor vinham cantando baixinho uma canção da floresta e pousaram os cestos no nosso colo. Eram framboesas, morangos, mirtos, amoras: os mais deliciosos que eu já provei.

E agora vem o seu presente de aniversário, o duende disse, e bateu palmas. As crianças-flor começaram a dançar, em roda e aos pares, rodopiando para a direita e para a esquerda. Ao ritmo da música, elas levantavam as saínhas, se inclinavam para a frente, apoiavam-se nos joelhos: era a dança mais bonitinha que eu já vi. As outras flores estavam em pé atrás delas e cantavam uma música boa para dançar, que coisa mais linda era tudo aquilo! Que presente de aniversário incrível, eu disse. Agradeço de coração, Duende querido.

Chegou a hora de eu mostrar a você a minha Escola da Floresta, disse então o duende. Uma escola? O que você quer com uma escola aqui no meio da floresta?, eu perguntei.

Isso é o que você vai ver logo, logo, menininha curiosa, ele disse, soltando uma risada, e abriu uma porta que dava para uma casa feita de cascas de árvore. Ela ficava no meio de um extenso gramado, e em sua volta, algumas lebres saltitavam e viravam cambalhotas.

Para começar, aqui está a minha turma de tecelagem, disse o duende apontando para a porta da primeira sala. Muitas aranhas pequenas estavam curvadas em um canto da sala, tecendo teias com afinco: teias grandes, teias pequenas, umas finas, outras grossas, cada uma diferente da outra. Uma grande aranha era a professora e se os pequenos não faziam tudo bem direitinho, eram obrigados a desmanchar e começar do início. Eu gostei muito de ficar olhando e fiquei um bom tempo ali.

Não adianta ficar olhando, você não vai aprender a fazer como elas! Vem, vamos continuar!, disse o duende.

Da próxima sala vinha uma algaravia de pios e piados. No mínimo cem pássaros canoros voavam em círculos ou descansavam em poleiros. Nenhum deles sabia cantar direito e o professor era um velho melro, que, com muita paciência, os ensaiava, ora cantando sozinho, ora em coro. Era en-

graçado demais, e eu tinha vontade de assobiar junto.

Mas os passarinhos e as aranhas não aprendem melhor com seus próprios pais?, eu perguntei ao duende.

É claro que sim, ele disse. Mas também entre os bichos há aquelas crianças com dificuldades de aprendizado, que não conseguem acompanhar os irmãos. Também há aqueles que perderam os pais muito cedo e é aqui que eles podem aprender tudo. A construção de ninhos também é matéria de aula, e como você pode imaginar, muitíssimo importante. Dá só uma olhadinha aqui, Melodínia!

Chegamos a uma sala grande, onde estavam inúmeros filhotes: cervos, lebres, bezerras. Esses também são todos órfãos, disse o duende, e me entregou uma mamadeira com leite. Então todos os bichinhos se aproximaram, e todos queriam a mamadeira. Eu escolhi um filhotinho de cervo e fiquei contente em ver como ele mamava. Os outros não precisaram ficar só olhando, eles também ganharam leite, alface, ervas e pasto. Todos se apertavam em torno do duende e o farejavam.

Agora chega, ele disse, abrindo uma porta lateral. Algumas raposinhas, deitadas sobre montes de palha, piscaram para nós com seus olhinhos es-pertos. Esse é um grupo de jovens selvagem, brincou o duende. Por isso precisam de uma sala separada. Às vezes também aparecem filhotes de lince, doninha e marta, ele contou. Então foi até um armário e trouxe alguns pedaços de carne que distribuiu entre os filhotes. Foi engraçado como eles pularam para abocanhar a carne.

Ah, Duende! Quero ficar mais tempo aqui com você e brincar com os seus bichinhos queridos e com as crianças-flor, ajudar você e dar comida para eles. Tudo é tão legal aqui!

Aí o duende ficou sério e disse: Não, não me adiantaria nada ter pessoas aqui, elas só iriam me incomodar. Só às vezes eu deixo uma criança de domingo, assim como você, dar uma olhadinha. Mas, se você quer mesmo me ajudar, isso é possível. Você só deve tratar bem e cuidar dos bichos da floresta. E também dar comida aos pássaros no inverno, assim eu vou pensar sempre em você, com carinho. Ele pôs a mão sobre a minha cabeça - e eu estava novamente no quarto, no dia do meu aniversário, com o livro de contos no colo.

O espírito da fertilidade e da fecundação

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

A nossa vaca Lili teve um bezerrinho. Durante a noite, eu a ouvi mugindo e, hoje de manhã, quando fui no pátio, a Line acenou para mim no estábulo. Lá estava um bezerrinho magrinho ajoelhado, e a Lili o lambia.

– De onde veio o bezerrinho? – perguntei. A Line riu e disse que eu não tinha nada a ver com isso. Então fui até o velho Steffens e perguntei para ele, que respondeu:

– Sabe como as galinhas põem os ovos? Do mesmo jeito as vacas têm os bezerrinhos.

– Steffens, as crianças também nascem desse jeito? – perguntei.

– Não, bobinha – respondeu – Você sabe muito bem que a cegonha traz os bebês, mas os inúteis como você são trazidos pelos gatos selvagens.

Mas eu sabia que o velho Steffens tinha mentido, pois aqui não tem cegonha e sempre nascem criancinhas. Então, fui até o meu papai. Ele estava sentado no caramanchão, tomando o café da tarde.

– Papai, de onde vêm os bebês?

Então meu papai me olhou seriamente e me contou uma linda historinha. Agora eu o amo muito mais e também amo a mamãe muito mais. A história eu sei todinha e, inclusive, sei de cor:

“Bem no fundo do colo do papai, mora, há muitíssimos anos, o espírito da fertilidade, e bem no fundo do colo da mamãe, mora o espírito da fecundação. Quando o papai e a mamãe se amam muito do fundo do coração e se abraçam com muito amor, o espírito da fertilidade forma um embriãozinho a partir do sangue do papai e dá a ele uma força abençoada para mergulhar o embriãozinho no colo da mamãe. Isso se chama concepção, Melódina”.

E o embriãozinho desce bem para o fundo do colo da mamãe, como uma sementinha na terra. Fica lá tão profundo, que nem o ar e nem a luz o alcançam. Mas o espírito da fecundação substitui o sol, recebe-o com muito amor, cuida dele sob o coração da mamãe e o nutre do sangue dela na escuridão.

E assim o embriãozinho cresce no corpo da mamãe, como uma flor na terra, e aos poucos vai se tornando uma pessoa pequeninha. No dia em que ele quer abrir os olhos para, finalmente, poder ver o sol, o espírito da fe-

cundação o empurra, de repente, da portinha estreita do corpo da mamãe para o mundo. Isso causa fortes dores na mamãe, mas ela fica tão feliz por causa de seu filhinho, que suporta a dor com boa vontade.

Nesse dia nós dizemos que uma criança nasceu, Melodínia. “Você consegue entender essa história verdadeira?”

Então, dei um beijo no meu papai, fechei os olhos e juntei as mãos. Eu me senti tão santificada e abençoada quanto na noite de Natal. Agora eu sei que tenho em mim um pedacinho da mamãe e um pedacinho do papai e, por isso, os amo ainda mais do que antes.

Fui logo até a minha mamãe e quando lhe contei essa historinha, ela me pegou no colo e me beijou como antigamente, quando eu era bem pequenina.

A canção de Mariazinha e os pintinhos

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Maria, Marai, Mariazinha
Com os sete pintinhos,
O que você quer fazer?

“A sua velha mamãe morreu,
Eles passam frio e não têm o que comer,
Eu os quero proteger.”

Maria, Marai, Mariazinha
Com os sete pintinhos,
O que você tem nesse saco?

“Purezinho de batata e milhinho;
Isso meus filhinhos costumam adorar,
Por isso eu vou lhes dar.”

Maria, Marai, Mariazinha,
Me dê um de seus pintinhos,
Você já tem bastantes bichinhos.

“Se eu der um de meus queridinhos,
Chorarei o dia inteirinho;
Isso você deve saber.”

Maria, Marai, Mariazinha,
Os pintinhos galinhas se tornarão;
O que você fará então?

“Voarão ao meu redor e serão lindos,
Serão grandes e coloridos,
Ah, todos os sete!”

A flor amarela

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Line queria arranjar varinhas de bétula para usar na limpeza do quarto. Fui até o lago cortar algumas, eu sabia onde ficavam as mudas novas.

Então avistei entre os juncos uma grande flor amarela e quis apanhá-la. Tirei os sapatos e as meias e entrei na água. Quando cheguei perto, não foi uma flor que eu encontrei, e sim uma menininha bem pequena com um vestido amarelo. Ela tinha na mão uma agulha de crochê e tecia redes usando tiras fininhas de junco. Quando ela atirava as redes no lago, elas brilhavam como ouro sob a luz do sol.

– O que você está fazendo aí?, perguntei. A menininha se virou para mim com seus olhos claros e disse: – Não está vendo as ondinhas? Elas querem brincar, é para elas que eu faço as redes. Olha como elas saltam! – E então atirou mais uma rede na água.

As crianças d'água brincavam com as redes à luz do sol, jogando-as de um lado para o outro. Como era lindo vê-las flutuarem, cintilantes. A água parecia estar toda viva.

Então a menininha segurou sua agulha com as duas mãos acima a cabeça e foi embora correndo sobre a rede dourada. As criancinhas da água riam e estendiam os bracinhos para chamar de volta a menina amarela. Mas ela era muito rápida e – zuummm –, sumiu, não a vi mais.

Quando me virei, a flor amarela estava novamente entre os juncos e eu tive vontade de arrancá-la. Mas ela estava lá, parada, parecia estar sonhando. Fiquei com pena e resolvi deixá-la ali. Então fui cortar varinhas de bétula.

Em casa, Line me perguntou: – O Duende das Bétulas não ficou brabo quando você cortou o cabelo das filhas dele? – Mas eu não tinha visto nenhum duende das bétulas.

A aula de geografia e o malvado Hagen

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

No início, foi muito legal a aula de geografia que tive ontem. Pois o tio Joaquim e eu descemos o rio Reno em um mapa grande. Foi uma viagem de verdade.

No começo, precisamos escalar desfiladeiros. Lá em cima, nos Alpes, os rios são violentos demais para se andar de barco. Observamos como o pequeno Reno pulava sobre as pedras e como, de todos os lados, ribeiros e cascatas corriam até ele. Ele ficava cada vez maior e mais violento.

Depois de uns instantes, vimos lá embaixo o lago Constança. Então descemos das montanhas e entramos no navio a vapor em Rorschach. Óbvio que só em pensamento, porque estávamos viajando só no mapa.

O lago Constança é muito grande, e o Reno o atravessa. Precisamos ficar meio dia no navio até que conseguimos de novo ir na corrente certa. Então fomos até Schaffenhause, onde fica a famosa cachoeira. Daí, o Reno desce uma grande montanha e rugir e bramar como uma caldeira. É lindo! Naturalmente, o navio não vai junto, senão ele certamente iria estragar. Nós precisamos descer antes e ir um bom pedaço a pé até o lugar em que o Reno começa a correr calmamente.

Depois, continuamos e fomos até Basel, onde morou o grande pintor Böcklin. Foi ele que pintou o quadro esquisito que a mamãe tem no quarto, aquele com uma sereia cantando. Por último, fomos até Worms, e agora é que começa mesmo a minha história.

O tio Joaquim me falou sobre os Nibelungos, buscou um livro no armário e leu para mim a história de Kriemhild e Siegfried; tudo em versos. E me contou como os dois se amavam e como Siegfried era bom. No livro, ele não está tão bonito, por isso, eu não o tinha reconhecido... E então o diabólico Hagen mata Siegfried pelas costas, e eu não gostei disso e queria dar matar o Hagen. Daí o tio Joaquim riu e disse:

– Isso foi há muito tempo, Melódina, e o Hagen também teve os seus motivos.

Eu bati com o punho na mesa e gritei:

– Você é o irmão da mamãe e me diz uma coisa dessas?

Então ele riu irritantemente, era uma risada abominável, e eu corri dele. Fui correndo até o jardim, atirei-me no chão, arranquei tufo de grama,

despedacei flores e folhas com os dentes, cada vez mais, cada vez mais... E queria fazer alguma coisa com o Hagen e com o tio Joaquim também, porque ele tinha rido tanto.

Ouvi a mamãe chamar para o almoço, mas eu estava de birra e não respondi. Mas o Dorkas me achou e colocou o seu rabo gelado na minha mão. Daí, o papai veio, e eu me levantei. Eu devia estar com a cara vermelha e inchada de tanto chorar. Ele me abraçou e perguntou:

– Melodínia, por que você estragou a grama e todas essas flores?

Eu estava assustada e quieta, mas disse:

– Ah, papai, eu estava tão brava com o Hagen, ele é horrível. E então eu tive que chorar e não conseguia mais falar.

Mas o papai me disse:

– Filha, o Hagen era tão irado e furioso quanto você agora. E para a mãe natureza, fazer mal às flores ou as pessoas é a mesma coisa.

Olhei admirada para o papai. Grama a gente pode plantar de novo, mas o Siegfried, esse não dá para ter de novo. E ele era tão forte e acreditava em todas as pessoas... A Kriemhild o amava tanto, e ninguém ama a grama.

Daí o papai passou a mão na minha cabeça – ele sempre faz isso quando quer dizer alguma coisa, mas não sabe como – pegou na minha mão, e entramos em casa, onde a mamãe servia a sopa para mim.

E agora eu posso ler o livro inteiro e depois posso avaliar se gostei que da vingança terrível da Kriemhild. Porque o papai já me disse que, mais tarde, ela não só matou o Hagen malvado, como também muitos outros que não tinham culpa de nada.

Mas com o tio Joaquim, eu ainda estou brava!

Canção do sol e da morte

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Um besouro agitado
Sobe até o lago
Ele vem do verde morro
Suas asas reluzem
Sob a luz do sol

Um peixe que vem nadando
Escancara a boca enorme
Em dois segundos contados
O besouro é devorado
Sob a luz do sol

Sobrevoando o lago, uma garça
Vê um peixinho tomar ar
Que ela mergulha para espetar
Com seu bico pontudo
Sob a luz do sol

Quando orgulhosa a garça
Completa no vôo um giro
Suas penas brilham e
Um caçador lhe acerta um tiro
Sob a luz do sol

Sobre a guerra

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

E agora é guerra, grande guerra. Nossa Alemanha tem tantos inimigos... Devemos matar todos eles, e papai e tio Joaquim também querem ajudar. Na verdade, não se deveria fazer isso. Na verdade, o que sempre se aprende é: amai vossos inimigos! Mas com certeza eu outra vez não entendi isso direito. Às vezes não se pode mesmo amá-los.

Mas irei me esforçar para não ser mais malvada com nenhuma pessoa. Além disso, pedi desculpas ao tio Joaquim por ter pensado mal dele um dia desses. Ele riu disso, e disse depois: isso está muito longe de ser o pior, minha menina. Isso também eu ainda não consigo entender.

Line agora fica choramingando o dia inteiro, pois o seu Franz precisa ir também. Ela disse que ele está em Estrasburgo bem perto dos franceses, e com certeza será dos primeiros a morrer. Já há alguns dias o velho Steffens anda de um lado para o outro com a cruz de ferro, aquela que ele conseguiu em 1870 em Gravelote e da qual sente o maior orgulho. O seu caçula, o João, se despediu dele ontem. Ele está com os hussardos em Potsdam e amanhã deve avançar.

Pela pátria, todos devem sangrar sem reclamar, diz o velho Steffens. Mas eu temo pelo papai e pelo tio Joaquim. Mamãe agora anda sempre tão quieta, não canta nem toca mais violão à noite, só fica arrumando, empacotando, e tricotando meias e roupas quentes de lã. Eu comecei um pulso de lã, mas está indo bem devagar.

Se papai tiver que ir para o campo de batalha, mamãe não vai querer ficar sozinha comigo em casa. Ela quer estudar para ser enfermeira e eu terei de ir para a casa da vovó e da tia Kátia em Berlim, e lá freqüentar uma escola de verdade. Lá eu não vou mais conseguir inventar história nenhuma. Se eu não tiver mais floresta, nem lago, nem Dorkas, não vai me ocorrer nenhuma idéia, e daí também vou precisar escrever tantas cartas e fazer tantas tarefas de casa. Tudo vai ser completamente diferente daqui.

Mas um pouquinho eu também me alegro em ir para Berlim, já estive lá uma vez para o Natal. Pela grande Praça de Potsdam cruzam muitos carros e bondes elétricos, e à noite brilham, bem no alto das casas e telhados, luzes azuis e vermelhas e verdes, que acendem e então apagam, e acendem, e assim por diante. Se olharmos bem, dá para ver palavras, que são

nomes de coisas que se deveria comprar. É divertido ficar olhando isso.

E há também muitas casas legais em Berlim, e praças com flores lindas, e grandes vitrines com brinquedos, livros e roupas, com milhares de coisas dentro, e se pode comprar todas elas. Mas quem sabe se essas coisas não vão se tornar caras demais se a guerra demorar a terminar, foi o que a mamãe disse.

E a tia Kátia prometeu que vai me levar também a um grande teatro de verdade, onde uma peça estará sendo encenada por adultos. Isso deve ser maravilhoso. E para o Natal, ela quer ir comigo ao circo. Lá tem cavalos espertos, e também cachorros e outros bichos treinados que fazem truques. Isso vai me divertir muitíssimo, disse a tia Kátia.

Mas o melhor mesmo vai ser quando chegarem as férias. Então iremos todos para casa, para o velho Steffens, para Line e Dorkas. Será que então essa guerra horrível já terá acabado?

Agora eu rezo todas as noites: Bom Deus, eu te peço, deixa a guerra acabar logo, e faz com que todos os outros povos voltem a gostar de nós! E nós deles! Amém!

